

O JORNAL 'O OPERÁRIO' E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA GÊNESE DA INDÚSTRIA TÊXTIL NA CIDADE DE SOROCABA¹

Jefferson Carriello do Carmo²

Considerações iniciais

O jornal *O Operário*, semanário de orientação socialista e, posteriormente, de cunho anarquista, teve seu trajeto na cidade de Sorocaba entre 1909 e 1913. Suas primeiras edições apareceram em julho de 1909, estendendo-se até novembro de 1913, vindo a desaparecer posteriormente. Seus redatores e colaboradores nesses anos eram incansáveis defensores dos direitos dos trabalhadores sorocabanos, cujas ações ocorriam através das denúncias das condições desumanas de trabalho em que estavam submetidos na gênese da industrialização de Sorocaba e, ainda, davam outras orientações pertinentes aos interesses da classe operária, tais como: educação, trabalho infantil, carga horária de trabalho, remuneração, etc...

A relevância desse jornal no processo de formação da classe operária sorocabana é mostrada na criação da “Liga Operaria de Sorocaba”, em 18 de setembro de 1911, momento do qual participaram mais de 700 pessoas. Após essa criação, a primeira deliberação foi dar origem às comissões de fábrica, cuja finalidade era defender os interesses dos trabalhadores, não só das fábricas têxteis, mas nas fábricas de chapéus, nas pequenas repartições, entre os pedreiros e entre marceneiros. A criação dessas comissões, originaria da “Liga”, fortaleceu a classe operária e o jornal, vindo a ser uma forte e influente rede de comunicação nos anos em que esteve em movimento entre os operários sorocabanos³.

Industrialização Sorocabana

Os estudos historiográficos recentes sobre a gênese da industrialização sorocabana registram que com a decadência da feira de muares e a criação das linhas férreas no Estado de São Paulo, em 1870, se favoreceu o início de outra atividade econômica: o das indústrias têxteis. A cidade de comércio de muares entrou num ciclo de cidade-vanguarda de produção industrial entre o final do século XIX e o início do século XX⁴.

¹ Trabalho apresentado no XVIII Encontro Regional de História da ANPUH-SP, realizado no Campus Assis da UNESP, entre 24 e 28 de junho de 2006.

² Doutor em Educação e Pós-Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas. Docente e Pesquisador na Universidade de Sorocaba - UNISO. Pesquisador Colaborador Voluntário da UNICAMP. E-mail: <jeffcc@uol.com.br>.

³ *O Operário*, Anno III, n. 101, 24 set. 1911, p. 2.

⁴ BADDINI, Cássia Maria. *Sorocaba no império: comércio de animais e desenvolvimento urbano*. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2002. BONADIO, Geraldo. *Sorocaba: a cidade industrial - Espaço urbano e vida social sob o impacto da atividade fabril*. Sorocaba: Ed. do Autor, 2004.

No caso de Sorocaba, o crescimento industrial ocorreu através de fatores múltiplos, tais como o investimento financeiro de vários industriais visionários, organização da classe operária - anteriormente obscurecida pela escravidão⁵ - aspectos geográficos e a imigração⁶. Nesse crescimento já se constatava a expressiva concentração dos trabalhadores - especialmente operários livres - nas poucas fábricas em funcionamento no final do Império⁷.

Em Sorocaba, como também em outras cidades brasileiras, a formação da classe operária, com a crise do sistema escravista, não acontece mecanicamente, mas através do processo gradativo de longas décadas.

*Em meio à crise do sistema escravista, estendiam-se relações mercantis como pré-requisito ao desenvolvimento capitalista. São Paulo começava a se difundir como centro urbano, tornando-se gradativamente o grande mercado distribuidor da mão-de-obra. Entretanto, a germinação de atividades industriais tinha ainda limites bastante evidentes. Do ponto de vista da formação da classe operária, a dispersão pesava como elemento negativo. Em 1886, havia na província doze fábricas de tecidos de algodão das quais dez estavam localizadas no interior: quatro em Itu (principal centro da região algodoeira), uma em Piracicaba, Jundiá, Santa Bárbara, Tatuí, Sorocaba e São Luiz do Piratininga.*⁸

No contexto da crise do sistema escravista, a formação da classe operária no Brasil é lenta e norteadas pelas atividades comerciais e manufatureiras até meados do século XIX. No Estado de São Paulo, com mão-de-obra escrava maciça nas fazendas de cana de açúcar e de café, o contexto acabava por “retrair” o trabalho livre⁹.

Com a falta de trabalhador na lavoura cafeeira, no Estado de São Paulo, ao final do sistema escravista, há um momento propício em que ocorrem grandes

⁵ A primeira experiência fabril em Sorocaba datada no ano 1852 por Manoel Lopes de Oliveira, que fez funcionar os primitivos teares mecânicos vindos da província de São Paulo para a Chácara Amarela, onde era tecido algodão arbóreo e tinha como meio de produção a mão-de-obra escrava. A fábrica destinava-se a descaroçar, cordar, fiar e tecer algodão, que deveria constituir-se em tecidos grossos empregados nas roupas dos escravos. Nessa primeira experiência as dificuldades enfrentadas por Manoel Lopes de Oliveira, foram a mão-de-obra especializada e a alta do preço do algodão, que condicionaram ao fracasso essa primeira tentativa. RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)*. São Paulo: Hucitec; UNICAMP, 1988, p. 24.

⁶ RICCI, Jamer & CARMO, Jefferson Carriello do. “Indústria em Sorocaba no tempo dos visionários”. *Caderno de História*, Sorocaba, ano I, n. 1, dez. 2005, p. 49-53. SANTOS; Breno Augusto & CARMO, Jefferson Carriello do. “Os trabalhadores na cidade de Sorocaba entre 1880 e 1920”. *Caderno de História*, Sorocaba, ano I, n. 1, dez. 2005, p. 43-47. SANTOS, Eliana O. *A industrialização de Sorocaba: bases geográficas*. São Paulo: Humanitas, 1999. OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. *Os espanhóis*. Sorocaba: TCM, 2000.

⁷ ALMEIDA, Aluísio de. *Sorocaba: 3 séculos de história*. Itu: Ottoni, 2002 [1951]. BADDINI, *Sorocaba no império...*

⁸ FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel, 1976, p. 16.

⁹ ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888 -1988)*. Bauru: EDUSC, 1998.

recrutamentos de imigrantes, momento decisivo para as relações capitalistas de produção.

*O papel desempenhado por estes no primeiro surto de industrialização foi crucial, sob vários aspectos: pela ampliação do mercado de trabalho e de consumo; pela preferência em inverter a poupança no setor comercial e industrial, tendo-se em conta as dificuldades impostas ao acesso à propriedade da terra; pelo impulso dado ao crescimento da cidade de São Paulo.*¹⁰

Com o surto da industrialização e com o aumento do trabalho livre nas mais distintas regiões houve um aumento quantitativo dessa categoria de trabalhador, acrescentando-lhes uma relevância social, política e econômica cada vez maior. O operariado vai se constituindo, lenta mas progressivamente, como classe social, sobressaindo-se em relação às demais classes por assumir suas próprias características e a consciência de si própria no âmbito do processo de industrialização em que ocorrem as contradições entre o capital e trabalho, o que desperta “novas” formas de lutas dentro da sociedade.

Nos registros da imprensa local sobre a implantação das indústrias verificam-se mudanças panorâmicas no contexto econômico. Em 1873 houve a recuperação das exportações norte-americanas para a Europa, criando-se uma situação favorável ao estabelecimento de fábricas nacionais nos centros produtores de algodão, o que proporcionou a imigração para a cidade e facilitou o recrutamento de trabalhadores especializados.

*Entre as profissões o censo calcula os seguintes dados: lavradores 2456, negociantes 338, empregados públicos 22, padres 5, advogados 5, solicitadores 2, médicos 2, farmacêuticos 2, relojoeiros 3, ourives 5, fotografo 1, pintores 18, músicos 23, tipógrafos 3, alfaiates 52, marceneiros 27, carpinteiros 111, seleiros 72, sapateiros 55, serigoteiros 52, armadores 2, trançadores 24, chapeleiros 27, ferreiros 97, pedreiros 61, laoeiros 8, fogueteiros 19, barbeiros 2, ferradores 8.*¹¹

Nos anúncios dos vários jornais¹² da cidade verificou-se que nos anos de 1880 Sorocaba, motivada pelo impulso industrial, passou a atrair imigrantes italianos e alemães que exploravam o comércio urbano através das manufaturas e pela diversificação dos investimentos. Os italianos Alferio Malzone fabricava calçados; Antonio Faizano abriu a fábrica de macarrão; Mathias Baddini lidava com café em pó; Domenico Guli, com a fábrica de massas; José Luchesi fabricava calçados; e Francisco Matarazzo, processava banha. Os alemães mantinham o seu negócio local, como as fábricas de cerveja, de Augusto Boemer, Faust e Schimming, Luiz Bücher, de Lausberg e Raszl, além da fábrica de colchões de Eduardo Müller e de

¹⁰ FAUSTO, *Trabalho urbano...*, p. 17.

¹¹ O *Ypanema*, anno I, n. 35, 21 nov. 1872, p. 1.

¹² Cf. “Anúncios”, *Diário de Sorocaba*, Sorocaba, 10 out. 1879, 11 mai. 1883, 9 out. 1884; 12 dez. 1884; 7 dez. 1886 e 5 abr. 1889.

louças, de Joana Katzer. Juntamente com esses imigrantes a cidade atraía pessoas de outros locais, ocorrendo a diversificação de serviços. Muitos desses migrantes e comerciantes começam a investir seu capital em outras atividades, a partir dos anos de 1880, propiciando as primeiras instalações industriais de grande porte na cidade, representadas pela atividade têxtil¹³.

A formação da classe operária em Sorocaba

Os trabalhadores, na gênese da industrialização têxtil, eram um extrato social emergente que se avulta nas ruas de Sorocaba, tomando o lugar das velhas relações entre os proprietários e os escravos e consolidando um novo processo de trabalho e novas relações sociais e produtivas dentro da sociedade sorocabana.

Nesse novo processo de trabalho, sob o ponto de vista da formação da classe operária, há implicações que privilegiam a fábrica nas formas em que os trabalhadores estão sujeitos ao trabalho; mas há oposição. Nessa relação de sujeição e oposição, o jornal *O Operário* destaca que no espaço da dominação do capital sobre o trabalho - as fábricas - se desenvolvem mecanismos que se explicitam na imposição de uma nova divisão de trabalho determinada pelo salário, pela duração do tempo de trabalho e pelas relações sociais oriundas nessa divisão. O que se pretende perceber é como o jornal *O Operário*, enquanto “*expediente de defesa da classe operária*”, manifesta através de seus redatores a defesa desses primeiros operários em Sorocaba.

A primeira implicação a ser observada é a questão salarial dentro da moderna indústria, onde ocorre a venda da força de trabalho em troca de pagamento, característica principal e fundamental para modo de produção capitalista. Segundo *O Operário*, a média salarial na indústria têxtil era de 40\$000 réis para homens adultos e 17\$000 réis para os menores em 1911¹⁴. Segundo Silva¹⁵, os dados de projeção dos gastos para a manutenção familiar composta de quatro pessoas (homem mulher e dois filhos) já atingia o salário mensal ganho. Só com a necessidade da alimentação o gasto era de uma quantia de 41\$930 (quarenta e um mil, novecentos e trinta réis). Isso são valores apenas somados para o feijão, arroz, farinha, frangos, carne de porco e toucinho, o que tornava imprescindível o trabalho da mulher e das crianças.

Juntamente com a questão salarial estão as formas e condições do pagamento e os problemas relacionados a esse tipo de remuneração, que aparecem nos relatos registrados n’*O Operário*, sob o título *O monopólio!!!*.

A Fábrica Votorantim, situada em importante e populoso bairro de igual nome. A diretoria deste estabelecimento, com intuito de facilitar transações de seus operários, fez imprimir cartões, com valores diversos,

¹³ Cf. ALMEIDA, Sorocaba... PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910* (retrato de uma época). 2. ed. São Paulo: Carrenho Editorial; Narrativa Um, 2003.

¹⁴ *O Operário*, anno III, n. 101, 19 dez. 1911, p. 2.

¹⁵ SILVA, Paulo Celso da. *Do novelo de linha à Manchester paulista: fábrica têxtil e cotidiano no início do século XX em Sorocaba*. São Paulo: LINC, 2000.

visto como os pagamentos e remessas de dinheiro feitos pelo banco a que pertence são sempre retardadas, por motivos que ignoramos. Até aqui nada de digno de nota.

O que, porém, nos revolta é o fato destes cartões só terem valor em um único estabelecimento naquele bairro, constituindo um verdadeiro monopólio.¹⁶

Em um outra descrição sobre os famosos cartões verificou-se o condicionamento dos trabalhadores da Fábrica Santa Rosália na compra de suas mercadorias no armazém de propriedade da empresa:

(...) Não existem lá [Fábrica Santa Rosália] os afamados cartões, mais engenhoso é o processo! Só existe o armazém da fábrica e tem os empregados a faculdade de poderem, aqui na cidade, comprar o que quiserem; mas existindo nas proximidades da fábrica um portão e o respectivo porteiro, os que para lá se dirigem conduzindo gêneros, têm forçosamente de se entender com o Sr. porteiro que, de acordo com as instruções recebidas, nega a entrada às carroças que levam as mercadorias (u.) porquanto não se obriga diretamente O Operário a comprar no armazém da fábrica, mas indiretamente, porque ele não podendo lá entrar com mercadorias compradas em outros estabelecimentos, tem por força das circunstâncias de prover-se do que necessita no armazém da feliz e poderosa empresa.¹⁷

Esse era um período em que não havia regulamentações a esse respeito, sendo muito freqüentes as reivindicações dos trabalhadores através da imprensa operária. Segundo as notícias acima, há dois problemas que podem ser verificados nesse procedimento das fábricas. O primeiro se trata do retorno do salário dos trabalhadores para a mesma empresa, o que caracteriza o processo de exploração duplo: num momento, pela extração da mais-valia no chão da fábrica; num outro, pela subtração dos rendimentos dos trabalhadores através da venda das mercadorias pelo cartão, através da manipulação de um único estabelecimento comercial provido pelas fábricas, o que era prática bastante difundida nos locais de trabalho.

As formas de descontos no salário dos trabalhadores menores estavam atrelados “a talões de conta” e tinham por finalidade a extração de valores impostos pela fábrica através dos descontos em débitos “de botequim e jogo”, que valeu um artigo, n’O Operário intitulado *Digno de manifestação*.

*Acha-se em nossa redação um talão de conta de um menor de 10 a 12 anos mais ou menos, que trabalhava na fábrica Santa Maria, com os seguintes dizeres,
29 dias e três quartos: 17\$850
Foot Ball 1\$000
Multa 1\$000*

¹⁶ O Operário, anno I, n. 3, 22 ago. 1909, p. 1.

¹⁷ O Operário, anno I, n. 4, 12 set. 1909, p. 1.

*Botequim 9\$800
P. Votorantim 1\$000
Descontos: 12\$800
A receber: 5\$050*

Um menor! Sofre tantos descontos de coisas ilícitas, trabalhar uma criança 29 dias e tanto para ganhar 17\$850 e tiram-lhe 12\$8000 de botequim e jogo.¹⁸

Ao mesmo tempo em que a empresa proporciona aos menores trabalhadores a “condição” de terem o trabalho, havia a expropriação dos salários tirados pela fábrica na forma de descontos, como registra o jornal, o que vem caracterizar, mais uma vez, um outro mecanismo de exploração denunciado pelo periódico.

A jornada de trabalho em que faziam parte os menores era outro aspecto denunciado pelo jornal. Havia longas jornadas de trabalho que se estendiam entre 12 a 15 horas diárias, num regime intenso, havendo paradas de meia hora, em média, para o almoço. Nessa longa jornada de trabalho há três fatores degradantes presentes, quando olhados pela ótica humanística. Primeiro, o aumento do processo de exploração advindo pelo aumento da jornada de trabalho, em que tudo era feito em nome do progresso. Segundo, essa condição esgotava a saúde das crianças, que cresciam macilentas por causa da insalubridade do local de trabalho e da má alimentação¹⁹.

Um outro aspecto denunciado pelo jornal eram os castigos corporais aos menores, realizados pelos contramestres e fiscais das seções da Fábrica Nossa Senhora da Ponte:

(...) Fez-se ouvir em primeiro lugar o nosso amigo Antônio Argento que levantou um enérgico protesto sobre o modo brutal e desumano, porque na Fábrica N. S. da Ponte castigam os menores, tendo se dado em dias passados o fato altamente ‘digno e louvável’ de um Sr. Eloy Ribeiro, preposto do Sr. Cugnasca, ter agarrado um pela garganta, de modo a causar-lhe asfixia, sendo necessário recorrer-se de pronto à farmácia! Onde foi medicado.²⁰

A denúncia desses abusos e a contratação de menores para trabalhos noturnos era fato anunciado pela imprensa operária contra a Fábrica Fonseca.

*(...) Entrada às 6 horas da tarde;
Saída às 3 horas da madrugada;
Como todos sabem na Fábrica Fonseca, turmas de operários trabalham de noite e entre essas turmas existem crianças, que por necessidade ou desleixo dos pais fazem parte das mesmas.²¹*

¹⁸ O Operário, anno I, n. 14, 19 dez. 1909, p. 1.

¹⁹ Gazeta do Além Ponte, 14 abr. 1992.

²⁰ O Operário, anno I, n. 10, 12 dez. 1909, p. 1.

²¹ O Operário, anno III, n. 122, 24 dez. 1911, p. 1.

Verificou-se, ainda, que aliadas aos castigos corporais aos menores estavam as longas jornadas de trabalho e a má alimentação, o cansaço em demasia a que eram submetidos esses pequenos trabalhadores de 10 e 12 anos, ajudantes dos principais operários, propensos aos diversos acidentes, algumas vezes graves, como é noticiado em *Desastre na fábrica S. Paulo*:

*O menor Euclides Brasiliense de 12 anos de idade, (...) trabalhava na engomadeira, quando por descuido, muito natural das crianças, viu-se preso, pelo braço direito no cilindro da máquina (...) fazemos um justíssimo pedido de não se suspender ao nosso companheirinho o seu salário, enquanto estiver preso ao leito de dor.*²²

A descrição das condições a que estavam submetidas as crianças nas relações de trabalho nas fábricas também era objeto de denúncia do jornal, como é registrado em *A infância operária de Sorocaba*.

*É triste para mim e outros que como eu prezam em ser sorocabanos, é triste, muito triste de ver uma multidão de pequenos, completamente analfabetos, trabalharem numa escura fábrica, desde às 5h da manhã até às 7h da noite, ganhando 250 réis e 300 réis durante essas horas!*²³

A condição das longas e estafantes jornadas de trabalho a que eram submetidos o menor, provavelmente leva-os à distração ao cansaço, causa dos acidentes.

N'O *Operário* verifica-se que além das jornadas de trabalho de 12, 13, 14 e até 15 horas diárias - como era o caso das fábricas Santa Maria, Santa Rosália e Fonseca - em alguns casos acontecia também o chamado "serão" que era estendido até a madrugada. Entre outras coisas, essas jornadas de trabalho muito longas impediam que os menores em serviço freqüentassem as escolas noturnas que existiam na época:

As fábricas de tecidos Santa Maria e Santa Rosália trabalham até oito e meia da noite (...), a de Nossa Senhora da Ponte até às 7 h, a Fábrica de Chapéus até às 5:30h da tarde.

*As escolas noturnas criadas e mantidas pelo governo do Estado, segundo o regulamento, devem abrir-se às 6 horas da tarde, fechando-se às 9 da noite.*²⁴

Um outro aspecto denunciado pel'O *Operário* é o trabalho feminino, prática que já vinha ocorrendo desde 1882, como registra o *Diário de Sorocaba*, em *Machina de Tecido*,

²² O *Operário*, anno II, n. 44, 24 out. 1910, p. 3.

²³ O *Operário*, anno II, n. 44, 24 out. 1910, p. 2.

²⁴ O *Operário*, anno II, n. 53, 2 out. 1910, p. 1.

²⁵ *Diário de Sorocaba*, anno II, n. 224, 23 fev. 1882, p. 4.

*Precisa-se contractar rapazes de 12 a 15 annos e mulheres para o serviço da machina de tecidos do sr. M. J. da Fonseca,
Para tratar na mesma machina com o sr. Alexandre Machisio.*²⁵

Essa prática, objeto de denúncia pel'O *Operário*, enfatizava que, no geral, as mulheres trabalhavam e produziam em quantidade de tempo igual à dos homens. A discriminação do trabalho feminino passa pelo valor da remuneração, por receberem, pelo mesmo trabalho que realizavam os homens, um valor inferior quando comparado à remuneração masculina. Um outro aspecto denunciado pel'O *Operário* eram os abusos que as mulheres sofriam no ambiente de trabalho, vindos de seus administradores, mestres e contramestres e, até mesmo, dos companheiros de trabalho. Há registro de que na Fábrica Fonseca um contramestre tenha feito "propostas indecorosas" a uma operária, e seus companheiros nada fizeram em seu favor, revelando "uma falta de ação dos camaradas"²⁶.

Embora O *Operário* denuncie as condições de trabalho a que estava submetida a mulher operária, isso não tira dela, aos olhos do capital, a relevância para o processo produtivo, por produzirem igual ou mais quando comparadas aos homens, o que dava aos empresários mais lucro. Isso é verificado pela forte presença das mulheres nas fábricas têxteis como operárias.

Considerações finais

Verificou-se, através da imprensa local, com destaque para o jornal O *Operário*, que a gênese da industrialização têxtil centrou-se, em princípio, nas metamorfoses que estavam ocorrendo na sociedade brasileira no que se refere ao processo de industrialização. Tal fato provocou no modo de vida da classe trabalhadora acontecimentos contraditórios, vivenciados através da experiência do trabalho e da consciência que tinham de si. O que vimos, porém, é que a classe trabalhadora sorocabana não é estática, mas ocupou uma relação contraditória entre capital e trabalho que foi demonstrado através da consciência dos articulistas, nos primeiros anos do jornal.

Na gênese da formação da classe trabalhadora verificaram-se situações de contradição e de resistências não entendida unicamente pelo viés econômico, mas pelos interesses de classes anunciadas através da imprensa operária.

Por fim, na gênese da formação da classe operária sorocabana as relações de trabalho caracterizam-se, primeiramente, pela situação de classe vista sobre a ótica das relações sociais com os meios de produção e pela obrigatoriedade da venda do único bem que possuíam, sua força de trabalho. Nesse exercício oriundo das contradições entre *Capital e Trabalho*, no cotidiano diário, é que se desenvolveram algumas das - senão as mais - relevantes contradições sociais denunciadas pelo jornal O *Operário*.

²⁶ O *Operário*, anno, IV, n. 144, 11 ago. 1912, p. 2.

RESUMO

Objetivo do texto é verificar, sumariamente, como jornal *O Operário* defende os direitos dos trabalhadores sorocabanos, suas condições de trabalho e interesses de classe, na gênese da industrialização têxtil. O jornal *O Operário* teve, inicialmente, uma orientação socialista e, posteriormente, de cunho anarquista, teve seu trajeto na cidade de Sorocaba entre 1909 e 1913. Suas primeiras edições ocorreram entre julho de 1909 e novembro de 1913, vindo a desaparecer posteriormente. Seus redatores e colaboradores, nesses anos eram incansáveis defensores dos direitos dos trabalhadores têxteis sorocabanos, cujas ações ocorriam através das denúncias das condições desumanas de trabalho em que estavam submetidos esses trabalhadores.

Palavras chave: Imprensa Operária; Trabalho; Classe Operária.

ABSTRACT

Objective of the text is to verify, sumariamente, as periodical the Laborer defends the rights of the sorocabanos workers, its conditions of work and the interests of classroom, in gênese of textile industrialization. Being this of socialist orientation, and later of anarchic matrix it had its passage in the city of Sorocaba between 1909 and 1913. Its first editions had occurred between July of 1909 and November of 1913 come to disappear later. Its editors and collaborators, in these years were untiring defenders of the rights of the sorocabanos têxteis workers, whose actions occurred through the denunciations of the desumanas conditions of work where these workers were submitted.

Keywords: Laboring Press; Work; Laboring Class .